

Science Fiction Studies

#104 = Volume 35, Part 1 = Fevereiro 2008

Uma leitura errada foi longe demais? Baudrillard encontra Philip K. Dick

Jorge Martins Rosa

Diz: Isso é real, o mundo é real, o mundo existe (eu o conheço) – ninguém ri. Diga: isso é um simulacro, você é meramente um simulacro, essa guerra é um simulacro – todo mundo explode em risadas. – Jean Baudrillard, *O Crime Perfeito* 95

Na *Sombra de Baudrillard*. O primeiro capítulo de um dos livros mais inquietantes de Baudrillard, *Le crime parfait* (1995) [*The Perfect Crime* (1996)], abre com:

Se não fosse pelas aparências, o mundo seria um crime perfeito, isto é, um crime sem um criminoso, sem vítima e sem motivo. E a verdade se retiraria para sempre desse e seu segredo jamais seria revelado, por falta de quaisquer pistas [vestígios] deixados para trás. (1)

O estilo grandiloquente de Baudrillard não deve nos distrair da essência da mensagem. “Se não fosse pelas aparências” o mundo seria vazio; seria seu próprio crime. Mas é um crime sem vítima e sem perpetrador, porque nenhum desses poderia estar autorizado a existir, e mesmo se pudessem, eles coincidiriam na mesma entidade. Se estamos jogando com as palavras, porque não afirmar – como Baudrillard não faz pelo menos não nesse capítulo – que o crime não é um assassinato, mas sim um *suicídio*?

Por outro lado, por que devemos sustentar que foi um crime de fato? Essa hipótese seria congruente com o argumento de Baudrillard de que “se o crime foi perfeito, esse livro tem de ser perfeito também, uma vez que afirma ser a reconstrução do crime” (6), mas ele não busca isso. De fato, todo o livro estaria contido nesse parágrafo. A perfeição do livro seria alcançada por não ter existido de forma alguma!

Os *gracejos* de Baudrillard, no entanto, não são fim em si mesmos; esses tem um propósito, o qual é explicar o “desaparecimento da realidade”, uma afirmação que se baseia – como fica claro conforme o livro se desenrola, assim como num romance policial – em razões históricas e sociais muito precisas. Deixe-me cometer a heresia de ir diretamente à solução desse romance policial e revelar que a pista chave está escondida na expressão “Se não fosse pelas aparências”. Aparência, afirma Baudrillard, é o que resta *após a realidade ser tirada*. Aparência é também o que permanece – como todas as evidências em uma cena de crime – como um *sinal do que foi tirado dali*. Agora, não resta mais nada além desses sinais, os fósseis da realidade, o que significa que em *Le crime parfait*, Baudrillard deve aceitar (com inquietação, até ansiedade) o destino de que a aparência deve ser salva, pois não resta mais nada:

A grande questão filosófica costumava ser “Por que há o ser ao invés não o nada?”. Hoje, a questão real é: “Por que há o nada ao invés do ser?” (2)

Em vez de refletir sobre aquela perda e a subsequente entronização da aparência, concentremo-nos no fato de que o discurso de Baudrillard sobre isso tem uma história própria, uma história que começa muito antes de *Le crime parfait*. Já em *L'échange symbolique et la mort* (1976) [*Symbolic Exchange and Death* (1993)], Baudrillard articula o “esqueleto” de seu conceito

mais renomado, o simulacro:

Existem três ordens de simulacros, operando paralelamente as sucessivas mudanças da lei de valor desde o Renascimento:

- A *imitação* é o esquema dominante no período “clássico”, do renascimento até a Revolução Industrial.
- *Produção* é o esquema dominante na era industrial.
- *Simulação* é o esquema dominante na atual fase governada pelo código.

Os simulacros de primeira ordem operam nas leis de valor naturais, os simulacros de segunda ordem nas leis de valor de mercado, e os simulacros de terceira ordem nas leis de valor estruturais. (*Symbolic Exchange* 50).

Baseando-se em sua expansão anterior da teoria marxista em *Pour une critique de l'économie politique du signe* (1972), as ordens de simulacros de Baudrillard combinam com as categorias de valor delineadas naquele livro.¹ Para cada período histórico, há uma forma dominante de valor: antes da Revolução Industrial, o *valor de uso* (natural) e o modo correspondente da “falsificação”; atendendo a essa revolução, o *valor de troca* (ou mercado) e o modo de “produção”; e finalmente, nas sociedades “pós-industriais”, *valor-de-signo* (ou valor estrutural) e o “simulacro” no sentido próprio e estrito. Cada época possui sua própria maneira de falsificar a realidade e precisa lidar com uma preocupação

1 *Pour une critique de l'économie politique du signe* e *La société de consommation* (1970) [The Consumer Society: Myths and Structures (1998)] explora as dimensões econômicas e semióticas da teoria; a partir de *L'échange symbolique et la mort* em diante, como já é o caso de *Simulacres et simulation*, as dimensões ontológicas vêm à tona.

diferente. A princípio, com o Renascimento, trata-se de discriminar o que é real do que é falso:

O signo moderno então encontra seu valor como o simulacro do “natural”. Essa problemática do “natural” e da metafísica da realidade era, para a burguesia desde a Renascença, o espelho de ambas, da burguesia e do signo clássico... É com a Renascença, então, que a falsificação nasce junto com o natural, que vai desde a elegância enganosa nas costas das pessoas até o grafo protético, dos interiores de estuque aos cenários teatrais Barrocos. (51)

A Natureza é, contudo, ainda o arco referente que garante o primado ontológico da “Realidade”². Com a Revolução Industrial, a ascendência do valor de troca – a habilidade de reduzir tudo aquele denominador comum que é o dinheiro – substitui a fé na Natureza com a nova fé na produção (e na *reprodução* em série). O que importa (e o que possui valor de mercado) é agora a realização utilitária de uma meta, não a imitação simples (e inútil) de uma aparência. O autômato dá espaço para o robô³:

Um mundo separa esses dois seres artificiais. Um é a falsificação teatral, mecânica e maquinais do homem,

-
- 2 Quando exigido pelo argumento, “Real” ou “Realidade” (com um capital inicial) estão aqui para qualquer realidade (supostamente natural) existente antes – no sentido lógico e cronológico – algum tipo de simulacro.
 - 3 *Frankenstein* (1818) e *R.U.R.* (1921) podem então, segundo os padrões de Baudrillard, ser os emblemas literários de dois estágios distintos da Revolução Industrial. O livro de Mary Shelley sugere uma indústria incipiente onde as aparências externas contam tanto quanto o interior (as “partes” que são usadas por Victor Frankenstein para sua criação são os restos de cadáveres, e não algo produzido ex novo). Em *R.U.R.*, somente a função precisa ser reproduzida; A aparência humana é secundária – e, apesar disso, surpreendentemente, a autoconsciência também surge nos

onde a técnica é submeter tudo a *analogia*.... O outro é dominado pelo princípio da técnica onde a máquina tem superioridade, e onde, com a máquina, a *equivalência* é estabelecida... Quanto ao robô, como seu nome indica, ele funciona; fim do teatro, início da mecânica humana. (53)

Uma certa fé na Realidade permanece, mesmo assim: os simulacros de primeira ordem desejam imitar todos os objetos nos mínimos detalhes, desconsiderando o valor de uso; os simulacros de segunda ordem querem reproduzir apenas as características relevantes, isto é, sua *funcionalidade*. Mas, como a produção em massa “infla” a realidade, uma terceira ordem surge, descartando a anterior como uma borboleta descarta a crisálida. Ou, num estilo Marxista ou Hegeliano, cada período carrega as sementes de sua própria morte:

O estágio da reprodução em série... é efêmero. Assim que o trabalho morto se torna superior ao trabalho vivo (ou seja, desde o fim da acumulação primitiva), a produção em série dá espaço para a geração através de modelos. Nesse caso é uma questão de reversão da origem e do fim, já que todas as formas mudam a partir do momento em que não são mais mecanicamente reproduzidas, mas *concebidas de acordo* com sua *reprodutibilidade*.... Nós estamos lidando com simulacros de terceira ordem aqui. (56, grifos no original).

Esses simulacros de terceira ordem são os simulacros verdadeiros em sentido estrito e próprio. Sua ascensão e entronização triunfal eram, de acordo com Baudrillard, irresistíveis. Em outras palavras, a rápida e incontrolável reprodução da “Realidade” causou sua implosão para um estado subsidiário (antes

impensável); dado que os novos simulacros são gerados por um modelo, por um algoritmo ou código, emerge e assume um novo tipo de realidade – *hiper-realidade*, na formulação de Baudrillard. O domínio da informação, isto é, do imaterial, é agora a fonte da materialidade em si, não mais sua cópia imperfeita. A autenticidade, anteriormente uma questão crucial, está agora obsoleta.⁴

As ligações fatais: Baudrillard encontra Dick. Mas será realmente? Entre *L'échange symbolique et la mort* e *Le crime parfait*, Baudrillard explora exaustivamente todos os corolários dessa estrutura conceitual, que foi articulada em sua forma mais famosa em *Simulacres et simulation* (1981) [Simulacra and Simulation (1994)]. Quase todos os ensaios que ele publicou na década de 1980 e no começo da década de 1990 podem assim ser considerados uma nota de rodapé ou um estudo de caso que corrobore essa estrutura – e, mesmo assim, até *Simulacres et simulation* carece da verdadeira originalidade que se pode encontrar em *L'échange symbolique*. Isto, é claro, não significa que sua posição permanece inalterada durante esse período; no entanto, pequenos nuances foram a regra, até a revisão mais substancial realizada em *Le crime parfait*.

Mas não devemos nos apressar. Apesar de não haver inovações teóricas profundas entre 1976 e 1981, nós temos de dar uma olhada mais próxima em *Simulacres et simulation* antes de avançar para *Le crime parfait*. Um detalhe peculiar (mas perceptível) faz uma aparição no livro anterior: ali, Baudrillard reconhece que um autor de ficção científico já não apenas tinha refletido sobre simulacros, mas também já havia usado essa mesma palavra em

4 Embora eu não possa elaborar sobre o assunto, eu acredito que uma leitura atenta de “Autenticidade e Insinceridade” por John Huntington também poderia ser usado para iluminar (ou desafiar) Baudrillard conceito do simulacro.

alguns de seus romances. Esse autor é Philip K. Dick.⁵

Philip K. Dick é citado quatro vezes em *Simulacres et simulation*, apesar de em duas dessas vezes – na versão original em francês – ser inadequadamente referido como “K. Philip Dick”, um erro peculiar que levanta a suspeita, como argumentaremos mais a frente, de uma leitura apressada e superficial de seus romances, uma leitura que pode ter resultado de uma recomendação por alguém com um conhecimento mais profundo da obra de Dick⁶, e que percebeu as similaridades entre seus cenários e o conceito proposto pelo sociólogo francês na obra *L'échange symbolique* (1975) [*Symbolic Exchange and Death* (1993)].

Vejamos de perto essas quatro referências a Dick. A primeira, no capítulo “L'effet Beaubourg: implosion et dissuasion” [“The Beaubourg Effect: Implosion and Deterrence”], é momentânea, mas deixa o leitor com a expectativa de que pode haver mais por

-
- 5 Para essa análise, podemos desconsiderar o fato de que, para Dick, “simulacro” significa andróide, sinônimo que só é usado em romances escritos na primeira metade da década de 1960, como no caso de *We Can Build You* (1972). Enquanto na década anterior ele ocasionalmente (em “Second Variety” [1953], por exemplo) também usou o termo “máquina”, no final da década de 1960 – *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968) é a ilustração que primeiro vem à mente – Dick retorna à palavra mais canônica “androide”. Nesses e outros casos, no entanto, há também uma realidade subjacente que poderia ser descrita, em termos baudrillardianos, como “simulacro” ou “hiper-real”, que, pelo menos nesta etapa da nossa análise, legítima a aglutinação de ambas as dimensões da obra de Dick sob um único conceito.
 - 6 Não importa como Baudrillard encontrou o trabalho de Philip K. Dick, uma coisa é certa: não há menção a esse autor de ficção científica em *L'échange symbolique*. Mas, como lemos em dois artigos para SFS (“*Dick in France: A Love Story*” de Roger Bozzetto e “Dick, o Profeta Libertário” de Daniel Fondanèche), Dick era então um conhecido autor na França e tinha já sido mencionado no meio acadêmico, nomeadamente em *Science-fiction et capitalisme* (1973) de Boris Eizykman. Eizykman pode ser o elo perdido entre Dick e Baudrillard?

vir:

Uma experimentação com todos os processos diferentes da representação: defração [sic; deveria ser “difração”], implosão, movimentos lentos, representação aleatória – um pouco como o Exploratorium em São Francisco ou nos romances de Philip K. Dick – em suma, uma cultura da simulação e da fascinação, e não sempre [sic; “não mais” é mais fiel ao original] uma de produção e significado.... (*Simulacra and Simulation 65; grifos adicionados*).

Algumas páginas depois, em um capítulo sobre a indústria da publicidade, a expectativa é confirmada com uma referência ao *The Simulacra* (1964) de Dick, a escolha mais óbvia para ilustrar o conceito homônimo. Parece, no entanto, que Baudrillard pegou acidentalmente o *papoola*, uma criatura marciana (ou seu simulacro!) para os irritantes comerciais de Nitz – ambos tem, no romance, uma função similar de persuadir os incautos. Essa é, na edição original, uma das vezes em que o nome de Dick está incorreto:⁷

a ilustração antecipatória dessa transformação foi o papula de Philip K. Dick [sic] – aquele implante de publicidade transistorizado, uma espécie de sanguessuga de radiodifusão, um parasita eletrônico que se ligava ao corpo e o qual é muito difícil de se livrar. Mas o papula ainda é uma forma intermediária; já é

7 Aqui está o trecho original: “L’illustration anticipatrice de cette transformation était le papoula de K. Ph. Dick [sic], cet implant publicitaire transistorisé, espèce de ventouse émettrice, de parasite électronique qui se fixe au corps et dont il est très difficile de se débarrasser [sic]. Mais le papoula est encore une forme intermédiaire: c’est déjà une sorte de prothèse incorporée, mais il serine encore des messages publicitaires.” (Baudrillard, *Simulacres et simulation* 136-37).

uma tipo de prótese incorporada, mas ainda repete incessantemente mensagens publicitárias. (89)⁸

Outro erro revelador ocorre no capítulo apetitosamente intitulado “Simulacres et science-fiction”. Todo o segmento alude ao *We Can Build You* (1972), mas Baudrillard, sem uma explicação razoável, atribui o enredo ao *The Simulacra*.⁹

Talvez a ficção científica da era cibernética e hiper-real só pode esgotar a si mesma, em sua ressurreição artificial de mundos “históricos”, pode apenas tentar reconstruir in vitro, até nos mínimos detalhes, os perímetros de um mundo anterior, os eventos, os povos, as ideologias do passado, esvaziadas de sentido, de seu processo original, mas alucinatório com verdade retrospectiva. Assim, em *Simulacra* de Philip K. Dick, a guerra da Secessão [sic]. Holograma gigantesco em três dimensões, no qual a ficção nunca mais será um espelho virado para o futuro, mas uma realucinação desesperada do passado. (123)

8 Aparentemente, nem todas as edições britânicas ou americanas dos livros de Baudrillard foram suficientemente cuidadas para revisar alguns títulos e conceitos que estavam originalmente em inglês. Tal é o caso de “papoola”, que se torna “papoula” em *Simulacres* e depois “papula” nesta tradução; Tal é o caso de *Stand on Zanzibar* (1968) (ver nota 14, abaixo), que se torna *Everyone to Zanzibar* devido ao título francês do romance de John Brunner; E retornando a Dick, é também o caso com *We Can Build You*, que aparece em *Seduction* (título original *De la séduction*) como *The Schizos’ Ball—Le Bal des Schizos* era o título em francês.

9 Ambos os romances (e muitos outros) estavam disponíveis nas edições francesas. Uma rápida pesquisa do catálogo online da Bibliothèque Nationale (<http://catalogue.bnf.fr/>) revela que *We Can Build You* foi publicado em 1975 pelas Éditions Champ-Libre como *Le bal des schizos*, e *The Simulacra* as *Simulacres*, em 1973 por Calmann-Lévy e em 1975 por J'ai Lu.

Algumas páginas depois vem a última e mais longa avaliação dos romances de Philip K. Dick, mas novamente com seu nome invertido:¹⁰

Onde estariam as obras que encontrariam, aqui e agora, essa inversão situacional, essa reversão situacional? Obviamente os contos [sic; talvez ‘romances curtos’] de Philip K. Dick “gravitam” neste espaço, se pudermos usar essa palavra (mas isso é precisamente o que não podemos mais realmente fazer, porque este novo universo é “antigravitacional”, ou, se ainda gravita, é em torno do *buraco* do real, em torno do *buraco* do imaginário). Não se vê um cosmos alternativo, folclore cósmico ou exotismo, ou uma proeza galáctica lá – é desde o início uma simulação total, sem origem,

10 “Où seraient les oeuvres qui répondraient d’ores et déjà à cette inversion, à cette réversion de situation? Visiblement les nouvelles de K. Philip Dick [sic] ‘gravitent’ si on peut dire (mais on ne peut plus tellement le dire, car précisément ce nouvel univers est ‘antigravitationnel,’ ou s’il gravite encore, c’est autour du trou du réel, autour du trou de l’imaginaire) dans ce nouvel espace. On n’y vise pas un cosmos alternatif, un folklore ou un exotisme cosmique ni des prouesses galactiques—on est d’emblée dans une simulation totale, sans origine, immanente, sans passé, sans avenir, une flottaison de toutes les coordonnées (mentales, de temps, d’espace, de signes)—il ne s’agit pas d’un univers parallèle, d’un univers double, ou même d’un univers possible—ni possible, ni impossible, ni réel ni irréel: hyperréel—c’est un univers de simulation, ce qui est tout autre chose. Et ceci non pas parce que Dick parle expressément de simulacres (la science-fiction l’a toujours fait, mais elle jouait sur le double, sur la doublure ou de dédoublement artificiel ou imaginaire, alors qu’ici le double a disparu, il n’y a plus de double, on est toujours déjà dans l’autre monde, qui en est plus un autre, sans miroir ni projection ni utopie que puisse le réfléchir—la simulation est infranchissable, indépassable, mate, sans extériorité—nous ne passerons même plus ‘de l’autre côté du miroir,’ ceci était encore l’âge d’or de la transcendance” (Simulacres et Simulation, 184-85). Note-se que o parêntese de abertura na última frase não fecha no original (nem na edição em português, que também consultei).

imamente, sem passado, sem futuro, uma difusão de todas as coordenadas (mental, temporal, espacial, sinalético) – não se trata de um universo paralelo, um universo duplo, ou ainda um possível universo – nem possível, nem impossível, nem real, nem irreal: *hyper-real* – é um universo de simulação, o qual é um completo outro. E não porque Dick fala especificamente de simulacros – a ficção científica sempre o fez, mas jogou no duplo, na duplicação e reduplicação, artificial ou imaginária, enquanto aqui o duplo desapareceu, se está sempre em outro mundo, o qual já não é um outro, sem um espelho, uma projeção ou uma utopia que posso refleti-lo – a simulação é insuperável, intransponível, maçante e plana, sem exterioridade – não passaremos nem para “o outro lado do espelho”, que ainda era a idade de ouro da transcendência. (124-25)¹¹

Esta é claramente a mais relevante referência a Philip K. Dick, onde a conexão entre seus romances e o conceito do simulacro de Baudrillard está mais desenvolvida. Cruzando as informações nos artigos de Daniel Fondanèche e Roger Bozzetto para SFS (ver Trabalhos citados abaixo) com a base de dados on-line da Bibliothèque Nationale, sabemos que os mais significativos livros de Dick publicados até o momento foram traduzidos para o francês (e.g., *Now Wait for Last Year* [1966], *Counter-Clock World* [1967], *Dr. Bloodmoney* [1965], *The Man in the High Castle* [1962], *Ubik* [1969], *The Simulacra*, and *Solar Lottery* [1955]), mas as referências de Baudrillard consideram apenas (desconsiderando o erro de atribuição percebido acima) *The Simulacra* e *We Can Build*

11 Outra menor reprovação (embora teórica): embora Baudrillard nega a relevância do duplo naquele romance em particular (“aqui o duplo desapareceu, não há mais um duplo”), alguns estudiosos de Philip K. Dick apresentam uma afirmação muito sólida de que era uma de suas obsessões mais ubíquas – cf. Easterbrook.

You. Isso é ainda mais impressionante se levarmos em consideração o fato de que outros romances, como *Ubik* e *The Three Stigmata of Palmer Eldritch* (1965), poderiam ter servido como ilustrações mais refinadas para sua expressão “o buraco do real” (“trou du réel”).

Baudrillard e Dick: Um Pacto de Lucidez? Não importa o que possa ser dito dessa leitura um tanto desleixada, a pertinência de encontrar uma ponte entre os romances de Dick¹² e os conceitos Baudrillardianos de *simulacro* e de *hiper-real* permanece, e, como corolário, a pertinência de Philip K. Dick como um intérprete de nossa condição contemporânea. Dick, tomando de abrigo ser um escritor de ficção científica, mesmo mexendo com alguns protocolos do gênero, rejeita concepções ingenuamente realistas da “Realidade”, embora insinuando que possa ser apenas um acordo intersubjetivo (e temos sorte se esse acordo, o *koinos kosmos*, for alcançado de todo!!!). Baudrillard retrata esse colapso como um processo histórico. Nos romances de Philip K. Dick, a explicação do fenômeno oscila entre fundamentos psicológicos e ontológicos.¹³ Para Baudrillard (ao menos o Baudrillard que escreveu *L'échange symbolique e Simulacres et simulation*), as raízes são sociológicas e históricas: “Realidade” não é vazia, se tornou vazia como uma consequência daquele desenvolvimento lento, da falsificação da realidade para a realidade como falsa.

12 Ou outros romances de ficção científica, como *Simulacres et simulation* é pródigo com referências a todo o gênero. *Crash* (1973), de J.G. Ballard, ao qual ele dedica toda uma seção (111-19), pode não ser uma boa ilustração em termos de uma definição estrita de gênero ficção científica, mas *Bug Jack Barron* (1969), de Norman Spinrad, e *Stand on Zanzibar* estão claramente dentro desse (126-27).

13 Que exista uma relação entre ambas as explicações, mesmo quando se parece ser o dominante ou exclusivo (como em *We Can Build You*, aparentemente não devendo nada à ontologia), é um assunto que vai além dos propósitos deste artigo.

Dáí as três ordens – ou períodos – dos simulacros. Primeiramente a tentativa de falsificar o que existe; então a reprodução de uma funcionalidade; e finalmente, quando praticamente nada permanece para emular a realidade original, a geração de um novo a partir dos modelos onde todas as possibilidades combinatórias são exploradas – mesmo que depois sejam filtradas por uma seleção artificial. O mapa se torna o território, já que não há território restante a ser mapeado. Possivelmente a ilustração mais canônica do auge desse processo é a Disneylândia. Assumindo o risco de repetir pela milésima vez a passagem na qual esse exemplo é dado, eis como Baudrillard o descreve:

A Disneylândia existe para esconder que é o país “real”, toda a América “real” que é a Disneylândia (um pouco como as prisões estão lá para esconder que é o social em sua integridade, em sua banal onipresença, que é carceral). A Disneylândia é apresentada como imaginária para nos fazer acreditar que o resto é real, enquanto que toda Los Angeles e a América que a rodeira não são mais reais, mas pertencem a ordem do hiper- -real e a ordem da simulação. (12)

Assim como a Disneylândia, continua Baudrillard, tudo o mais “não é nem verdade nem falsidade: é uma máquina de dissuasão ajustada para rejuvenescer a ficção do real no campo oposto” (13).

14

Há uma simples razão para nossa preferência por esse exemplo em particular: Philip K. Dick também mencionou a Disneylândia em seu ensaio “How to Build a Universa that Doesn't Fall Apart

14 A tradução de Mark Poster do trecho, disponível on-line, é mais precisa: “é uma máquina de dissuasão criada para rejuvenescer em sentido inverso a ficção do real” (<http://www.stanford.edu/dept/HPS/Baudrillard/Baudrillard_Simulacra.html>; ênfase adicionada).

Two Days Later.”¹⁵ Logo no início, lemos:

Primeiro, antes que eu comece a entediá-lo com os tipos de coisas que escritores de ficção científica falam em discursos, deixe-me trazer as saudações oficiais da Disneylândia para você. Me considero um porta-voz da Disneylândia porque vivo apenas a algumas milhas de distância – e, como se não fosse suficiente, uma vez tive a honra de ser entrevistado lá pela TV Paris.... Nós também discutimos Watergate, mas o fizemos no convés do navio do Capitão Gancho. (259)¹⁶

Não é um começo auspicioso, apesar da alusão a Watergate. Mas a Disneylândia reaparece mais tarde no ensaio, e nessa segunda ocasião as repercussões ontológicas são inequivocadamente afirmadas:

Realidades falsas vão criar humanos falsos. Ou, humanos falsos vão gerar realidades falsas e então vendê-las para outros humanos, transformando-os, eventualmente, em falsificações de si mesmos. Então, acabamos com falsos seres humanos inventando realidades falsas e depois vendendo-as a outros humanos falsos. *Isto é apenas uma versão muito maior da Disneylândia.* Você pode ter o Pirate Ride, ou o Lincoln Simulacrum ou o Mr. Toad’s Wild Ride – você pode ter *todos* esses, mas nenhum é real. (263-64; ênfases adicionadas)

15 Apresentado – mais uma “conexão francesa” – na cidade francesa de Metz, em setembro de 1977, e publicado pela primeira vez em julho de 1978 na revista *L'Année 1977-78 de la S.-F. et du Fantastique* (cf. Sutin 250-51).

16 Outra hipótese selvagem sobre como Baudrillard se deparou com os romances de P.K. Dick: através de uma entrevista para a televisão francesa, que ocorreu a meio caminho entre a publicação de *L'échange symbolique* e *Simulacres et simulation*.

A similaridade entre o que Philip K. Dick afirma nesse ensaio e o conceito de “simulacro” como afirmado em *Simulacres et simulation*, publicado menos de meia década depois, é impressionante. Tal coincidência pode, é claro, ser desvalorizada pelo contexto místico que era omnipresente em tudo o que Dick escreveu depois de 1974. No mesmo ensaio, a Disneylândia também aparece sob uma estrutura teológica – se não apocalíptica. Primeiramente aparece como contraponto à racionalidade desejada:

Sei perfeitamente bem que o ano é 1978 e que Jimmy Carter é o presidente, e que eu vivo em Santa Ana, Califórnia, nos Estados Unidos. Eu ainda sei como chegar do meu apartamento na Disneylândia, algo que pareço não poder esquecer. E certamente nenhuma Disneylândia existia no tempo de São Paulo.

Então se eu me forço a ser muito racional e razoável, ... eu devo admitir que a existência da Disneylândia (a qual eu sei ser real) prova que nós não estamos vivendo na Judeia em 50 d.C.. A ideia de São Paulo girando nas xícaras gigantes enquanto escreve os Primeiros Coríntios, enquanto a TV Paris o filme com uma lente de telefoto – que simplesmente não pode ser. São Paulo nunca chegaria perto da Disneylândia. Apenas crianças, turistas e oficiais soviéticos de alta patente sempre vão a Disneylândia. Santos não. (270; ênfase no original)

Então, encerrando o ensaio, Dick concede que, afinal, podemos estar vivendo em uma realidade artificial que é obrigada a ser exposta (por Deus?) como falsa:

Talvez o tempo não esteja apenas acelerando; talvez, além disso, esse vai acabar. E se isso acontecer, os

passeios na Disneylândia nunca mais serão os mesmos. Porque quando o tempo termina, os pássaros, hipopótamos, leões e veados da Disneylândia *não serão mais simulações, e, pela primeira vez, um pássaro real cantará.* (279-80; ênfase adicionada)

Mesmo quando não estamos lendo um de seus romances, as propostas de Dick parecem muito mais radicais que a noção de simulacro por Baudrillard, ao menos quando comparada com o que o autor francês afirma em *L'échange symbolique* e *Simulacres et simulation*. Nesses livros, os fundamentos dialéticos para sua teoria permitem uma interpretação segundo a qual poderia ter havido um tipo de “Era Dourada” antes da aurora dos simulacros (i.e., antes da Revolução Industrial, se não antes da Renascença) quando a “Realidade” ainda tinha a chance de ser “real”. Toda a estrutura de sua teoria seria nesse caso, falando a moda antiga, “epocal”, mesmo a regra de ouro da dialética afirmando que a semente da mudança tem de ser já pressuposta na “tese” original. As suposições de Dick divergem de sua abordagem, principalmente quando ele assume a interpretação “teológica” que moldou seus trabalhos posteriores: enquanto sustenta que o encadeamento de realidades falsas pode ser um ato humano, e portanto político (cf. o póstumo *Radio Free Albermuth* [1985]), ele suspeita que além dessa, divinamente endossada, “Realidade” que aguarda para ser revelada – o qual é o sentido adequado da palavra “apocalypse” – todas as outras, não importa como venham a ser, podem ser falsas. Ou houve um tempo no qual a “Realidade” poderia ser confiável (e, se assim for, precisamos desesperadamente ser resgatados da Prisão de Ferro Negra que nos faz crer que “não estamos vivendo na Judeia em 50 d.C.”, e que não permite que entremos em contato com os “pássaros reais”), ou a falsificação é tudo que podemos contar. A primeira opção leva a alguma forma de “expectativa”¹⁷, a segunda àquela

17 Talvez aquele que Frederick Kreuziger chamou de “expectativa

ativa forma de niilismo que se destaca em alguns romances anteriores, particularmente aqueles escritos na década de 1960 (cf. *The Three Stigmata os Palmer Eldritch*, *Ubik* ou *A Maze of Death*), nos quais os personagens devem continuar a lidar com o que percebem como realidade, mesmo que sejam subjugados pela desconfiança de suas próprias percepções.

No momento que *Simulacres et simulation* foi publicado, então, o conceito do simulacro de Baudrillard empalideceu ao lado da audácia – para não dizer insanidade¹⁸– de Dick. Um retrato mais claro das diferenças entre Baudrillard e Dick pode ser visto ao olhar o enquadramento distinto (à primeira vista parecido) que cada um dá à tecnologia. Para Dick, mais tecnologia significa mais e melhores maneiras para produzir “falsificações falsas” (andróides, drogas, “coldpacs”, etc.), e assim menos “Realidade”, até certo tipo de redenção a restaurar, que pode ou não ser auxiliado pela tecnologia.¹⁹ Para Baudrillard, que absorveu a peculiar interpretação de McLuhan do tecnodeterminismo (mesmo que para romper com essa por dentro), o papel da tecnologia – particularmente quando essa se torna uma “logotecnologia” determinada pela supremacia do código²⁰ – pode apenas nos afastar ainda mais de qualquer chance de trazer de volta a “Realidade”. No entanto, uma rejeição ou algum tipo de subversão da tecnologia deve ainda estar a nosso alcance, assim como, em *Pour une critique de l'économie politique du signe*, o verdadeiro dom era algo que, dada sua gratuidade, derrotou o

disjuntiva” em seu *Apocalypse and Science Fiction* (163ff), mas esse é um assunto que preferimos não elaborar nessas páginas.

18 Cf. Rabkin’s “Irrational Expectations.”

19 Ajudado pela tecnologia: VALIS (1981); sem a ajuda da tecnologia, aceitando sua presença, mas recusando-a como, em última análise, redentora: a epifania de Rick Deckard em *Do Androids Dream of Electric Sheep?*

20 Uma reflexão muito estimulante sobre o conceito de código e seu papel na formação das tecnologias contemporâneas é a de Lessig.

valor-sistema econômico-semiótico – ou os escritos de *Mai 68* na parede, que eram então, para Baudrillard, as únicas alternativas à lógica dos meios de comunicação de massa.

Em *Le crime parfait*, no entanto, o cinismo de Baudrillard não apenas supera sua posição anterior, mas também a de Dick (que pelo menos era, as vezes, esperançoso por uma intervenção divina). O livro autoriza duas interpretações ligeiramente variantes. De acordo com a mais “fraca” (a qual é também a mais compatível com outros trabalhos anteriores de Baudrillard), nós devemos estar agora na aurora de uma *quarta* ordem de simulacros: não mais comprometida com a necessidade de produzir realidade, a produção de aparências deve bastar para esses novos simulacros. No entanto, de acordo com a mais “forte”, o livro inteiro deve ser lido como uma negação de tudo que Baudrillard havia anteriormente afirmado, uma renúncia do resíduo de otimismo envolvido pela crença em uma “Realidade” precedendo – pelo menos ontologicamente, se não cronologicamente – todos os simulacros. Entre essas duas interpretações – *in medio stat virtus*, afinal, não importa o quanto um livro como *Le crime parfait* parece evitar qualquer leitura definitiva – é a possibilidade de ter havido uma “Realidade” (ou um “efeito de realidade”, nas suas palavras), mas apenas por pouco tempo:

A realidade e o mundo real *duraram apenas por um certo tempo*, então. Assim como demorou para que nossa espécie passasse através do filtro da abstração material do código e do cálculo. Tendo sido real por um tempo, o mundo não estava destinado a permanecer assim. Foram preciso poucos séculos para atravessar a órbita do real, e rapidamente se perder além dessa.

Em termos puramente físicos, podemos dizer que o

efeito da realidade existe apenas em um sistema de velocidade e continuidade relativas. Em sociedades lentas – primitivas, por exemplo – a realidade não existe; não foi “cristalizada”, por falta de uma massa suficientemente crítica.... Em sociedades as quais são excessivamente rápidas, como a nossa, o efeito de realidade se torna nebuloso: a aceleração traz um atropelo de causas e efeitos, a linearidade se perde na turbulência, e a realidade, em sua relativa continuidade, não possui mais tempo para acontecer. (The Perfect Crime 45; ênfases adicionadas)

Não importa como nós o lemos, um traço de historicismo permanece. Mas isso é agora um detalhe quando confrontado com a nova “ontoloclastia” que, talvez sem intenção, ultrapassa todos os devaneios de Dick. Lembrando-nos novamente dos argumentos de McLuhan, tecnologia é a chave:

O conceito chave de sua Virtualidade é Alta Definição. Aquela da imagem, mas também do tempo (Tempo real), da música (Alta fidelidade), do sexo (pornografia), dos pensamentos (Inteligência Artificial), da linguagem (linguagens digitais), do corpo (o código genético e o genoma). Em todos os lugares, a Alta Definição marca a transição – além de qualquer determinação natural – para a fórmula operacional ... a transição para um mundo onde a substância referencial está se tornando cada vez mais rara. (Le crime parfait 29-30).

Embora passagens como essa ainda evoquem a constelação dos livros de Baudrillard que orbitam *Simulacres et simulation*, devemos notar a diferença fundamental que permeia *Le crime*

parfait: nesse último, o fato de não haver “Realidade” além daquela tecnicamente produzida não é uma desgraça para chorar, mas antes algo inevitável que precisa meramente ser reconhecida:

Trabalhamos sob a ilusão de que é o real que mais nos falta, mas na verdade, a realidade está no auge. Por nossas proezas técnicas, alcançamos tal grau de realidade e objetividade que podemos até falar de um excesso de realidade, o que nos deixa muito mais ansiosos e desconcertados do que a falta dela. Que pudéssemos ao menos maquiá-lo com utopismo e imaginação, enquanto que não há compensação – nem qualquer alternativa – ao excesso de realidade. (64)

Em *L'échange symbolique* e *Simulacres*, o advento do hiper-real era algo para afligir-se. Em *Le crime parfait*, o confronto entre real e hiper-real já não é um problema, como se Baudrillard estivesse admitindo, afinal, que ambos coincidem, e que já não há nada que possamos fazer a respeito.²¹ Pode alguém acabar sendo mais “Dickniano” que o próprio Dick, o qual ainda crê em “falsificações falas”?²²

Não é, então, o real que é o oposto da simulação – o real é meramente um caso particular daquela simulação – mas ilusão. *E*

21 Ao contrário de outros trabalhos em que o termo hiper-real estava sempre presente, quase desaparece em *Le crime parfait*. O único exemplo que pude observar é uma referência aos ready-mades de Duchamp: “O portagarrafas, exscrito de seu contexto, propósito e função, tornou-se mais real do que a realidade (hiper-real)...”.

22 Flutuando, capitulando para um retorno inesperado ao topo da ficção científica (e também evocando Sade), Baudrillard especula sobre a viabilidade de realidades paralelas, um tema que Dick também explorou: “Por que não haveria tantos mundos reais como os imaginários? Por que um único mundo real? Por que tal exceção? Verdade para dizer, o mundo real, entre todos os outros possíveis, é impensável, exceto como

não há crise de realidade. Longe disso. Haverá sempre mais realidade, porque esse é produzida e reproduzida pela simulação, e é ela própria meramente um modelo de simulação. A proliferação da realidade, está se disseminando como uma espécie animal cujos predadores naturais foram eliminados, é nossa verdadeira catástrofe. (Perfect Crime 16; ênfase adicionada).

Trabalhos citados:

BAUDRILLARD, Jean. Pour une critique de l'économie politique du signe. 1972. Trans. by Charles Levin as For a Critique of the Political Economy of the Sign. St. Louis: Telos, 1981.

———. Le crime parfait. 1995. Trans. by Chris Turner as The Perfect Crime. New York: Verso, 1996.

———. Simulacres et simulation. 1981. Trans. by Shiela Faria Glaser as Simulacra and Simulation. Ann Arbor, MI: U of Michigan P, 1994.

———. L'échange symbolique de la mort. 1975. Trans. by Iain Hamilton Grant as Symbolic Exchange and Death. London: Sage, 1993.

BOZZETTO, Roger. "Dick in France: A Love Story." Trans. Danièle Chatelain and George Slusser. SFS 15.2 (July 1988): 131-40.

DICK, Philip K. "How to Build a Universe that Doesn't Fall Apart Two Days Later." The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings. Ed. Lawrence Sutin. New

superstição perigosa. Devemos quebrar com ele como pensamento crítico o quebrou uma vez (em nome do real!) Com a superstição religiosa. Pensadores, mais um esforço! " (97).

York: Vintage, 1995. 259-80.

EASTERBROOK, Neil. "Dianoia/Paranoia: Dick's Double 'Impostor.'" *Philip K. Dick: Contemporary Critical Interpretations*. Ed. Samuel J. Umland. Westport, CT: Greenwood, 1995. 19-42.

EIZYKMAN, Boris. *Science-fiction et capitalisme: Critique de la position de désir de la science*. Paris: Maison Mame, 1973.

FONDANÈCHE, Daniel. "Dick, the Libertarian Prophet." Trans. Danièle Chatelain and George Slusser. *SFS* 15.2 (July 1988). 141-51.

HUNTINGTON, John. "Philip K. Dick: Authenticity and Insincerity." *SFS* 15.2 (July 1988): 152-60.

KREUZIGER, Frederick A. *Apocalypse and Science Fiction: A Dialectic of Religious and Secular Soteriologies*. Chico, CA: Scholars, 1982.

LESSIG, Lawrence. *Code and Other Laws of Cyberspace*. New York: Basic Books, 2000.

RABKIN, Eric S. "Irrational Expectations; or How Economics and the Post-Industrial World Failed Philip K. Dick." *SFS* 15.2 (July 1988). 161-72.

SUTIN, Lawrence, ed. *Divine Invasions: A Life of Philip K. Dick*. New York: Carroll and Graf, 2005.